

Do Morro ao Aterro:

uma análise sobre a Feira Internacional de Amostras e a formação urbana da Esplanada do Castelo (1930-1940)

From the Hill to the Landfill: An Analysis of the International sample fair
and the Urban Formation of terrace do Castelo between 1930 and 1940.

Sebastião Guedes Batista Neto

Doutorando em Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

seba_guedes@hotmail.com

RESUMO: Entre 1930 e 1940, a cidade do Rio de Janeiro presenciou um evento significativo: as Feiras Internacionais de Amostras realizadas em terreno recém conquistado proveniente do desmonte do Morro do Castelo. Elas promoveram o desenvolvimento econômico exibindo produtos nacionais e internacionais, se tornando pontos de encontro sociocultural. Essas feiras refletiram as políticas de desenvolvimento industrial e comercial da Era Vargas, incentivando investimentos em infraestrutura e consolidando o Rio de Janeiro como um centro de inovação e progresso. Embora inicialmente concebida para fins comerciais, as feiras evoluíram para espaços de celebração popular e interação social, funcionando como polos de convivência durante todo o ano, com restaurantes e bares ativos. Esse legado sociocultural ultrapassa sua época deixando registros fotográficos e textuais que são essenciais para compreender o impacto das feiras na formação do espaço urbano carioca. Ao integrar essas evidências, o presente estudo busca oferecer uma visão abrangente sobre o papel dessas feiras na modernização urbana do Rio de Janeiro e reforçar a importância de preservar essa memória histórica para valorizar o patrimônio cultural da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo histórico; feira de amostras; patrimônio cultural.

ABSTRACT: Between 1930 and 1940, the city of Rio de Janeiro witnessed a significant event: the International Sample Fairs held on newly reclaimed land from the dismantling of Morro do Castelo. These fairs promoted economic development by showcasing national and international products, establishing themselves as sociocultural meeting points. Reflecting the industrial and commercial development policies of the Vargas Era, they encouraged infrastructure investments and positioned Rio de Janeiro as a center of innovation and progress. Although initially conceived for commercial purposes, the fairs evolved into spaces of popular celebration and social interaction, functioning as year-round gathering places with active bars, restaurants, and parks. This sociocultural legacy transcends its time, leaving photographic and printed records essential for understanding the fairs' impact on Rio de Janeiro's urban landscape. By integrating these records, this study provides a comprehensive view of the role these fairs played in Rio de Janeiro's urban modernization and underscores the importance of preserving this historical memory to enrich the city's cultural heritage.

KEYWORDS: Historical urbanism; sample fair; cultural heritage.

Introdução

O período entre as grandes guerras foi um momento de transformações para o Brasil, principalmente para a cidade do Rio de Janeiro. O “Bota-Abaixo”ⁱ promovido por Pereira Passos em 1903 e os movimentos de modernização urbana de 1920, que inclui o arrasamento do Morro do Castelo, transformaram a malha urbana da cidade. Embora muito se discuta sobre a demolição em si, a ocupação subsequente desse espaço ainda recebe pouca atenção. A questão central permanece: como se formou o espaço urbano que conhecemos hoje?

A reestruturação da área central do Rio de Janeiro foi idealizada ainda em 1792 e amplamente discutida em 1843 a partir da circulação das experiências urbanísticas desenvolvidas na Europa no meio técnico nacional, sendo finalmente colocada em prática em 1921ⁱⁱ. Sob os cuidados do prefeito Carlos Sampaioⁱⁱⁱ, o desmonte do Morro do Castelo e o aterramento da Ponta do Calabouço, entre outras intervenções, proporcionaram aumento significativo no território da cidade, gerando debates sobre a valorização dos terrenos e especulação imobiliária. Envolvido nessas transformações urbanas, o governo buscou reforçar a imagem de modernidade do Brasil. Para tal, foram elaborados eventos que tinham por finalidade expor e celebrar esse momento de evolução que o país estava vivendo.

O primeiro deles, que ocorreu em 1922, foi a Exposição do Centenário da Independência do Brasil. Elaborada para comemorar os cem anos de independência, durou dez meses e foi organizada pelo então prefeito Carlos Sampaio a convite do Presidente Epitácio Pessoa. O evento seguiu o formato das exposições universais inauguradas na segunda metade do século XIX e tinha como principal objetivo a demonstração dos avanços do país nas atividades políticas, sociais e econômicas^{iv}.

O segundo evento ocorreu seis anos depois, em 1928. A Feira de Amostras Internacionais foi inaugurada pelo prefeito Antônio Prado Júnior (1880 - 1955) e pelo presidente Washington Luís (1869-1957) e promoviam os produtos produzidos pelo país a fim de celebrar sua modernidade. Posteriormente, ocorreram eventos anuais, no total de treze, sendo o primeiro em 1928 e o último em 1940, alcançando o seu auge durante a década de 1930 e sendo interrompidos apenas com a chegada da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, testemunhou transformações políticas significativas, como a Revolução de 1930^v. A Era Vargas, iniciada com esse golpe, marcou uma fase de intensas mudanças políticas e sociais, culminando no Estado Novo a partir de 1937. Durante esses anos, o Rio de Janeiro foi o epicentro das decisões políticas do país, influenciando diretamente as políticas internas e externas do Brasil, incluindo sua entrada na Segunda Guerra Mundial em 1942.

Desse modo tanto a exposição de 1922 quanto as Feiras Internacionais de Amostras estão inseridas em um cenário de constantes alterações urbanas, políticas e sociais. O contexto da área, entre 1922 e 1940, foi caracterizado por um grande vazio proveniente do arrasamento do Morro do Castelo e do aterro da Ponta do Calabouço, espaço ideal para abrigar tais eventos. Essa terra recém conquistada foi palco de diversos planos urbanísticos com destaque para o Plano Agache^{vi}. Entretanto, nenhum desses planos foi colocado em prática por completo.

Eventos internacionais

As Feiras seguiam as trilhas dos grandes eventos internacionais que tomavam conta do cenário dos principais países. As grandes exposições internacionais tiveram o seu marco inicial na Exposição Universal de 1851, em Londres. Estes eventos objetivavam a apresentação ao mundo dos avanços econômicos dos países participantes em forma de arquitetura, em pavilhões e exposições.

“aceleramento e ampliação do processo de industrialização, movidos pelas estratégias de expansão imperialistas do capitalismo projeto hegemônicas centrado na Europa. Trazia os primeiros fenômenos de massa, a metropolização das cidades e com isto, as multidões e novas experiências e sensações.”^{vii}

Portanto, é seguro dizer que as exposições universais surgiram com o intuito de promover um novo momento industrial do mercado. Com a intenção de expandir seus ideais para a população com seus produtos, invenções e tecnologias. Foram, “eventos de grande porte, com afluxo intenso de público, interesse diplomático e campo para reflexão”^{viii}. Baseados em apresentar o progresso em espaços efêmeros em tempos de comunicação de massa incipiente, no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Eram verdadeiras formas de comunicação com o mundo:

“(...) de tempos em tempos e por alguns meses se mantinham em funcionamento cidades temporárias, maquetes de um mundo idealizado e que se pretendia realizar. Estávamos ainda distantes dos meios de comunicação de massa e tais eventos foram um dos primeiros fenômenos a exercer esse tipo de função.”^{ix}

Entre 1851 e 1915 cerca de trinta e quatro exposições correm ao redor do mundo, tendo o Brasil participado de doze delas. Dentre essas, destaca-se a de Paris, de 1889, que comemorou o Centenário da Revolução Francesa com a apresentação da Torre Eiffel para o mundo, contando com cerca de 32 milhões de visitantes^x. E a de Sant-Louis que aconteceu junto aos Jogos Olímpicos de 1904. O pavilhão do Brasil neste evento foi remontado no Rio de Janeiro em 1906 e serviu como sede do Senado Federal, o Palácio Monroe, hoje destruído.^{xi}

Eventos no Brasil

O Brasil inicia seu caminho nos eventos internacionais, já na primeira exposição de “1851 em Londres, enviou delegações para Paris em 1855 e realizou eventos preparatórios no Rio, desde 1862.”^{xii} sendo inegável o interesse de estar inserido em um novo movimento. Seria um momento para divulgar suas realizações, que poderiam ser materializadas e apresentadas por meio das principais características em determinados campos, como por exemplo: “econômicos, culturais, políticos científicos, técnicos, artísticos, industriais, arquitetônicos, musicais”^{xiii}, entre outros.

Com maior ou menor consciência desses ideais, partindo desse novo momento, com a abolição da escravidão 1888 e a Proclamação da República 1889, o Brasil apresentou uma imagem da nação aos brasileiros com a Exposição Nacional de 1908. O evento celebrava o centenário da abertura dos portos do Brasil ao livre comércio internacional. Esse evento também destacou a nova capital da República, resultante das reformas realizadas durante o governo de Pereira Passos, entre 1902 e 1906, e o fortalecimento do mercado, principalmente com a comercialização de produtos agrícolas.

Já em 1922, outro evento é apresentado. O Centenário da Independência do Brasil é comemorado através de uma exposição internacional, na região central do Rio de Janeiro. Assim como em 1908, junto ao evento, obras de reformulação da cidade carioca acontecem, mas agora de forma simultânea, o morro era demolido ao mesmo tempo em que a comemoração dos cem anos de independência acontecia. Apesar das críticas à organização já citadas aqui, a comemoração apresentou uma forte presença de público, com um número superior a três milhões e meio de visitantes, teve a participação de treze países com quatorze pavilhões expostos, fora os nacionais e uma duração de dez meses.^{xiv}

A exposição aconteceu no centro da cidade, na Esplanada do Castelo. Na verdade, parte do evento aconteceu sobre a terra proveniente do desmonte do morro. Os limites da cidade já não eram mais delimitados pelo mar, e a terra que era retirada e levada através de dutos em direção ao oceano, era utilizada para expandir o território da cidade.

A Feira Internacional de Amostras

Em outubro de 1927 o então Presidente Washington Luís (1869-1857) e o prefeito do Rio de Janeiro Antônio Prado Júnior (1880-1955) inauguraram a Feira de Amostras de Produtos Brasileiros. O evento, de início, teve lugar no primeiro andar de um edifício na Avenida Rio Branco nº 129, e em algumas salas do Instituto de Propaganda de Produtos Brasileiros.^{xv}

Já na sua segunda edição, ainda no edifício da Av. Rio Branco, em julho de 1928, o evento teve o seu lançamento oficial como a Primeira Feira de Amostras^{xvi}. Agora, já contava com a participação de importantes figuras diplomáticas e estatais como o “ministro de Estados, Diplomatas estrangeiros, congressistas, magistrados e elevado número de pessoas”.^{xvii}

O sucesso do evento inicial foi tão grande que se fez necessário buscar uma nova localização. A feira deixa as modestas salas do edifício da avenida Rio Branco e passa a ocupar um ambiente que alguns anos antes estava passando por grandes transformações e comemorações, as instalações da Exposição de comemoração do Centenário da Independência de 1922 no centro do Rio de Janeiro, mais precisamente na região onde hoje é a Esplanada do Castelo.

A feira aconteceu no edifício nomeado Palácio das Festas, mesmo edifício onde aconteceu a inauguração da Exposição de 1922, alguns anos antes, para comemorar o centenário de independência do Brasil. Quando construído, o Palácio de Festas ficava aos pés do Morro do Castelo e, logo

à sua frente, o mar. O mesmo presenciou o desmonte progressivo do morro, o aterramento do mar e a construção de diversos edifícios que viriam a abrigar a exposição de 1922. Agora, em 1928, o palácio ainda remanescente da exposição passa a fazer parte de uma nova festividade. Algumas revistas da época abordavam o assunto comparando os dois eventos, o que era inevitável pelo fato de estarem situados no mesmo local e por terem o mesmo objetivo de apresentar ao mundo os avanços e modernidades do cenário brasileiro, como informado pela comissão organizadora do evento de 1922:

“A realização de uma Exposição Nacional “compreendendo as principais modalidades do trabalho no Brasil, atinentes à lavoura, à pesca, à indústria extrativa e fabril, ao transporte marítimo, fluvial, terrestre e aéreo, aos serviços de comunicações telegráficas e postais, ao comércio, às ciências e as belas artes”^{xviii}

Tratando-se das comparações entre os dois eventos, os periódicos apresentavam críticas e pilhérias à organização da exposição de 1922 e enalteciam a Feira de Amostras:

“A Feira de Amostras [...] é uma esplêndida tentativa que demonstra quanto esse certâmen poderá ser útil e que êxito poderá ter repetido anualmente, desde que seja bem organizado e que o industrial e o comerciante carioca possam calcular seus magníficos efeitos.

Em frequência, ele já bateu aquela desastrada Exposição [do Centenário], na qual os dirigentes e funcionários somente tinham uma preocupação: afastar o público.

Aprendemos ali quanta coisa preciosa produz a nossa indústria e que nós pensamos vir do estrangeiro. Vemos o seu adiantamento em várias coisas. E sente-se, com a

alma cheia de otimismo, que o nosso progresso será um dia vertiginoso”^{xix}

A partir daí, as Feiras de Amostras passam a ser anuais. Aos poucos, o recinto que antes pertencia à exposição do centenário passa a fazer parte das feiras. No total, foram treze eventos de 1928 até 1940, sendo os dois primeiros em um edifício na Av. Rio Branco e os seguintes na região proveniente ao desmonte do Morro do Castelo, sendo mais preciso no aterro da Ponta do Calabouço. A relevância e o sucesso do evento foram tão significativos que Alfred Agache (1875 – 1959), em seu Plano de Agache, elaborado entre 1927 e 1930, propôs a criação de um espaço permanente para as feiras:

“Encontrar-se-á, no plano, o local rasgadamente concebido para as próximas feiras de amostras que tendem tomar, no Brasil, uma importância considerável. Na extremidade de um vasto local onde poderão ser edificadas construções provisórias de cada feira, serão encontrados os edifícios permanentes agrupados ao redor de uma grande sala de congressos”.^{xx}

De forma mais precisa, o local permanente a qual Agache se refere é a “Entrada do Brasil”, local destinado também ao centro governamental federal e onde aconteceriam as honrarias da cidade, o “portal monumental do Rio de Janeiro”:

“Cercado de cada lado por um Palacio de Bellas-Artes e um Palacio de Commercio e das Industrias onde se succederão as grandes exposições periodicas, a Praça é fechada no fundo por tres grandes edificios, a direita o Senado, a isquerda a Camara dos Deputados e no centro um grande Auditorium para os Congresso, as festas e os concertos.”^{xxi}

Figura 1: Demarcação do local das feiras sobre planta do Plano agache.

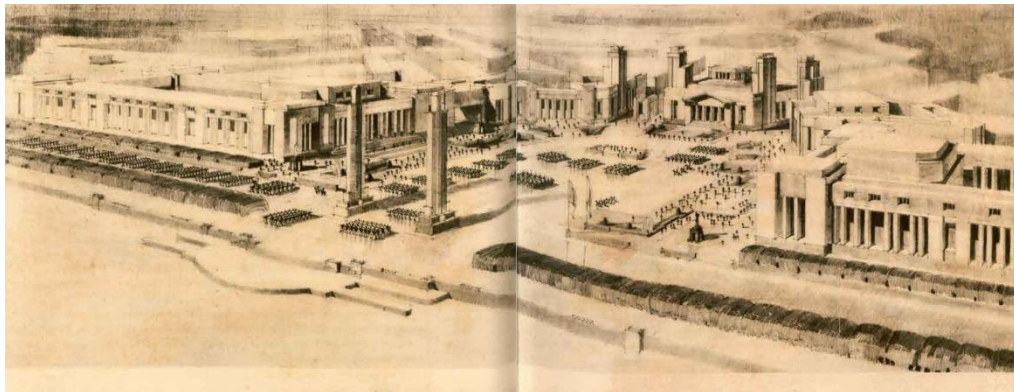


Fontes: Acervo pessoal

Agache volta a reforçar informando.

“Trata-se da instalação, nesses terrenos, de uma grande exposição universal. Esta exposição do Rio de Janeiro viria, em boa hora, attrahir a attenção do mundo sobre o esforço do Brasil; serviria de pretexto para a construcção de palacios, alguns quaes, os que circundavam a Entrada do Brasil”^{xxii}

Figura 2: Perspectiva da “Entrada do Brasil” elaborada por Alfred Agache



Fonte: Plano Agache

Dentre as treze feiras de amostras ocorridas na então capital, destaca-se o terceiro evento, de 1930, recebendo pela primeira vez países estrangeiros, passando a ter importância internacional. Outra que merece destaque é a de 1935 que “ocupou uma área de 120.000m² para acomodar 742 firmas e catorze representações estrangeiras; teria recebido cerca de um milhão de visitantes”.^{xxiii} Até o momento desta pesquisa, esta edição se destaca como a maior entre as treze realizadas, tanto em número de visitantes quanto em área ocupada. Entre os países estrangeiros participantes estão a Argentina, Alemanha, Suécia, Equador e Portugal.^{xxiv}

A arquitetura e o urbanismo

Esses eventos eram realizados para celebrar a consagração do progresso e a força do mercado. A arquitetura era a porta de entrada para essa apresentação, os pórticos de acesso, os pavilhões dos países e estados e os estandes serviam para materializar o ideal de cada entidade participante, como é possível observar neste trecho da revista A Noite:

“A Feira de Amostras tem, além da sua finalidade puramente comercial, um caráter artístico e educacional que não pode ser negado. Ali se encontram, em “stands” organizados com bizarra originalidade, com requintes de bom gosto [...]”.^{xxv}

As edificações de diferentes tamanhos e formas tornavam a arquitetura um atrativo à parte, como é possível observar nos três stands. O primeiro deles, do Departamento Nacional do Café na XII feira (Figura 1). O segundo, o Pavilhão do Estado de São Paulo (Figura 3). E o terceiro, da Philips, em formato de rádio, em que o destaque arquitetônico foi a alusão a um produto fabricado pela marca, na sétima edição do evento (Figura 2), o Pavilhão do estado de São Paulo (Figura 3).

“Este radio monstro, com uma largura de 8,5° e altura de 10 metros, conforme o original apresenta, capta não só as estações locais e da Argentina, como também as de onda curta da Europa, deliciando com sua magnífica reprodução os milhares de visitantes á Feira.”.^{xxvi}

Figura 3: Stand do Departamento Nacional do Café na XII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo FGV

Figura 4: Estande da Philips na VII Feira internacional de Amostras.



Fonte: Revista Fon-Fon, ano 28, n. 36 de setembro de 1934.

Figura 5: Pavilhão de São Paulo na Feira Internacional de Amostras.



Fonte: Cartão postal

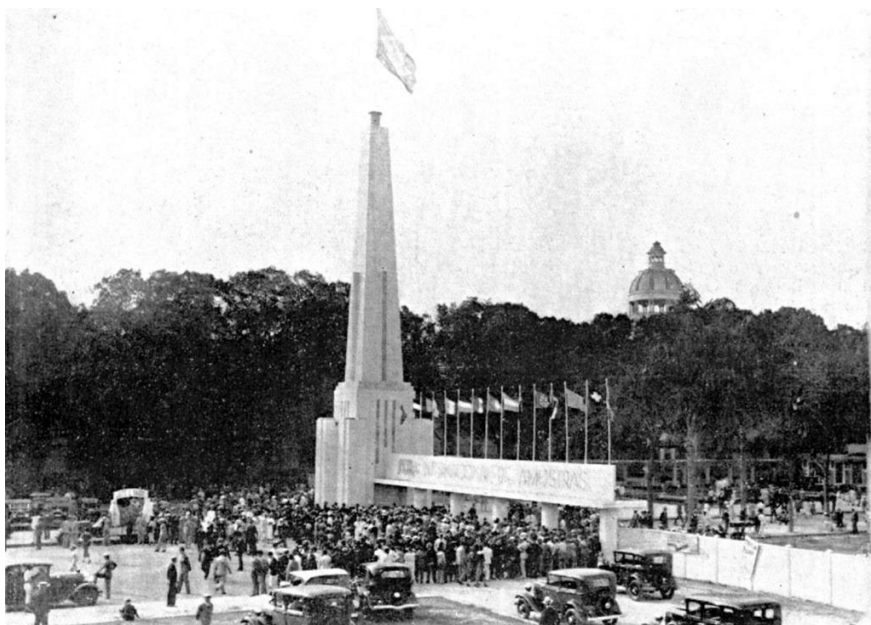
Era possível contemplar essa diversidade nas características da arquitetura nas vistas dos pórticos de entrada dos eventos (Figuras 4 e 5). Sempre com algum aspecto monumental, com certas características brutalistas como as formas geométricas muito marcantes e a simplicidade das formas, movimento este que só apareceria posteriormente, e até futuristas, exemplo a entrada da edição de 1931 (Figura 4), como foi citada em um exemplar em “A revista para todos”^{xxvii} dizendo “uma das curiosidades deste ano, pelo seu estilo futurista.”^{xxviii}

Figura 6: Entrada da IV^o Feira da Amostras, 1931



Fonte: FEIRA Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. Para Todos, Rio de Janeiro. N. 661, p. 19, 15 ago. 1931.

Figura 7: Entrada da VI Feira de Amostras

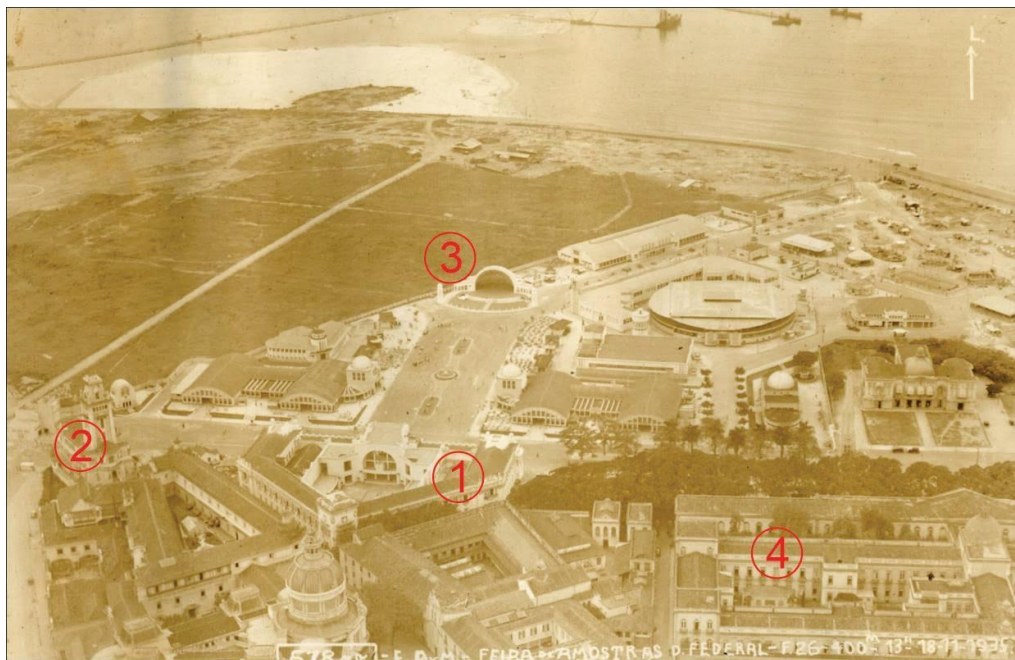


Fonte: Acervo Pessoal

Entretanto, vale ressaltar que muitos aspectos da arquitetura são apresentados e por vezes destacados nas fontes primárias. Isso Ocorria porque o objetivo era apresentar as empresas e seus produtos, que por muitas vezes, eram referenciados na arquitetura das edificações. Entretanto, o espaço público é, frequentemente, deixado de lado sendo pouco abordado nos textos, revistas e na historiografia encontrados até o momento. Portanto, realizamos uma análise detalhada dos aspectos arquitetônicos dos pavilhões e dos aspectos urbanísticos do espaço livre das exposições para uma compreensão mais profunda do impacto desses elementos na configuração e na experiência urbana durante o evento de 1928.

A primeira fotografia observada durante a pesquisa é uma imagem aérea datada de 18/11/1935, a 400m do solo (Figura 6). É possível observar o Palácio de Festas já com alteração de sua cúpula, que foi demolida (1); O edifício que hoje é o Museu Histórico Nacional (2); A avenida e o auditório, onde aconteciam os shows (3) e a Santa Casa da Misericórdia (4).

Figura 8: Vista aérea do certame da Feiras de 1935



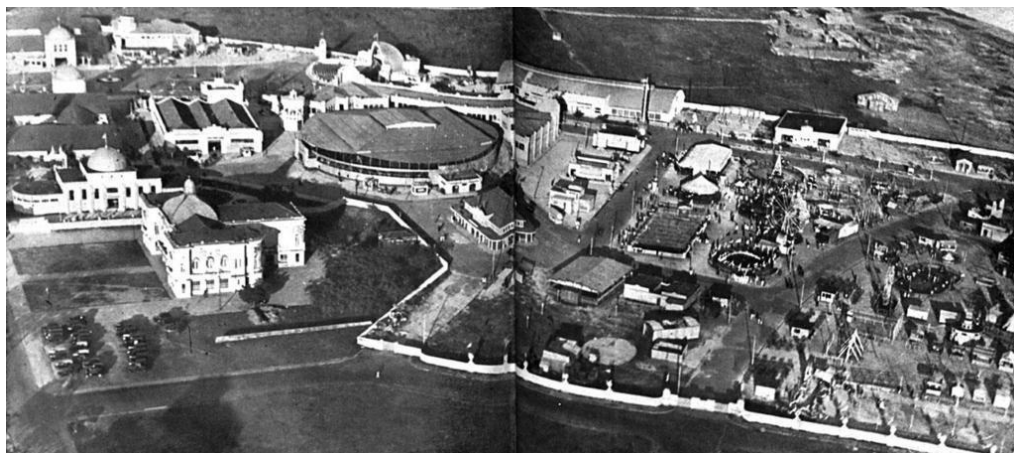
Fonte: Brasiliana fotográfica. Disponível em:

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/7875>

Dentre estas quatro edificações, apenas duas se mantêm de pé, o Museu Histórico Nacional, já mencionado, e a Santa Casa de Misericórdia. Diferente do que aconteceu em 1922, é possível observar uma estrutura ainda maior, com uma disposição urbana mais completa e mais estruturada.

Outra imagem encontrada é uma fotografia aérea de um ângulo diferente, de 1936 (Figura 6), mas apresentando a mesma estrutura espacial em relação ao ano anterior. Em destaque, para referência e localização, está um edifício circular (seta vermelha), possivelmente um estádio ou ginásio para a prática esportiva. A identificação desses elementos característicos, preservados ao longo dos anos do evento, permite localização com precisão as demais edificações, arruamentos e limites do recinto.

Figura 9: Vista aérea do certame da Feiras de 1936



Fonte: Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 30, n. 44, p. 39, 31 out. 1936

Pelas imagens é possível observar a grandiosidade do espaço urbano, mas, além do espaço físico, o ambiente representa a interação entre os visitantes. Diversos tipos de atividade aconteciam todos os dias da Feira: dança, apresentações artísticas, peças de teatro, parques de diversão e até exposições caninas.

“Realizou-se domingo passado, no recinto da Feira Internacional de Amostras, a Exposição Canina organizada sob os auspícios do Brasil Kennel Club, e á qual concorreram varias das mais apreciadas raças caninas. [...]”.^{xxix}

Outra matéria da revista Fon-Fon intitulada “Cidade-Luz” e assinada apenas por Sesamo prestava destaque para a iluminação:

“[...]Na Feira de Amostras, a illuminação dos edifícios e pavilhões parecia a dum mundo de fadas. Nas aguas escuras da bahia, mergulhavam coluna de luz. Luzes e mais luzes por toda a parte, coroavam os morros,

serpenteando pelas encostas, orlando as praias. [...]”.^{xxx}

Sesamo

Em outra matéria, em um exemplar do último evento, é destacada a felicidade dentro do recinto, não esquecendo as dificuldades da vida real na cidade.

“A XIII Feira Internacional de Amostras [...] tem constituído a nota de atração deste lindo mês de festa e de alegria, em que a alma popular se alvoroça ingenuamente para esquecer as angústias e as amarguras dos outros meses do ano. O recinto do importante certâmen, diariamente, se apresenta engalanado de inquietações e de sorrisos, oferecendo, assim, um ambiente propício às manifestações do entusiasmo popular.”^{xxxi}

Compreende-se, até agora, porque o certame foi crescendo a partir da primeira exposição em 1928 e atingiu o seu auge, tanto em área quanto em presença de público, em 1935. O sucesso foi tanto que, em determinado momento, entrou nos planos da cidade uma área definitiva para o evento em questão. Entretanto, acredita-se que a Segunda Grande Guerra e o seu período pós Guerra impediram a sequência destas formas de comemoração.

Conclusão

As Feiras Internacionais de Amostras, realizadas entre 1930 e 1940, desempenharam um papel central na formação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Ocorrendo em terrenos resultantes do desmonte do Morro do Castelo, esses eventos transformaram um vazio urbano em um espaço de vitalidade econômica e social, fazendo da área da Esplanada do Castelo como um polo de progresso e modernidade. Inicialmente concebida para fins comerciais, as feiras rapidamente se transformaram em espaços de celebração popular e de interação social, funcionando como ponto de

encontro mesmo fora da época, graças aos bares, restaurantes e parques que se mantinham ativos ao longo do ano. Esse ambiente vibrante deixou um legado sociocultural que transcende sua época reforçando a relevância das feiras para a identidade carioca.

Hoje, do evento, restam apenas registros fotográficos e impressos, cuja análise é essencial para compreender o impacto das feiras na configuração do espaço urbano da cidade. Esta pesquisa, ao integrar essas evidências, busca promover uma visão abrangente do papel desses eventos na consolidação da modernidade urbana do Rio de Janeiro. Conclui-se que essas feiras não só moldaram a paisagem física e social da cidade, mas também contribuíram para a construção de uma identidade urbana moderna e cosmopolita. Preservar e valorizar esse legado histórico é fundamental para compreender o desenvolvimento cultural e urbano da cidade, e para reforçar a importância de sua memória na história do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO-Zahar, 1988.
- AGACHE, A. *Plano Agache para o Rio de Janeiro: diagnóstico e plano de melhoramentos*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1930.
- ARTAVIA, M.; Thalmann, D. Virtual Reality and the Reconstruction of Historic Buildings: A Comprehensive Review of the State of the Art. *Computers & Graphics*, v. 81, p. 166-186, 2019
- CANABRAVA, Eduardo. *Atlas da Evolução Histórica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1964.
- CARLOS SAMPAIO, O arrasamento do Morro do Castelo, Rio de Janeiro, *Tipografia gazeta da Bolsa*, 1925, p. 5.
- BARBUY, Heloisa. *O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal*. Casa 12: Rio de Janeiro, 2013.
- BARBUY, Heloisa. *O mundo em exibição: As exposições universais começaram em Londres, em 1851, e sempre buscaram refletir sobre o futuro*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1106200009.htm>>.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
- INAUGURAÇÃO da primeira Feira de Amostras... Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 22, n. 27, 1928, p. 42
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Feiras de Amostras e Exposições: Contribuição para a História Econômica e Cultural do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGB, 1998.
- KESSEL, Carlos. *A Vitrine e o Espelho: O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: AGCRJ, 2001.
- KIEFER, Marcelo. *Cidade: Memória e Contemporaneidade*. Dissertação para Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Outubro de 2005.
- LAMAS, J. M. R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, s/d.
- LANIER, Jaron. *Dawn of the New Everything: Encounters with Reality and Virtual Reality*. New York: Henry Holt and Co., 2017.
- L'ExpositionUniverselle de Paris 1889 | Un Jour de plus à Paris. Disponível em <<http://www.unjourdeplusaparis.com/pa-ri-reportage/exposition-universelle-1889>>.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. LYNCH, Kevin. *What Time is This Place?* Cambridge: The MIT Press, 1976.
- MAIOR radio do Brasil!! (O). Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 28, n. 36, p. 47, 08 set. 1934.
- MOTTA, Marly. *A nação faz cem anos: o*

Centenário da Independência no Rio de Janeiro. CPDOC, 1992. 18f. LIVRO DE OURO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL 1922.

PANERAI, Philippe. Análise Urbana. Brasília: UnB, 2006.

RANDES exposições do trabalho nacional na 2ª Feira de Amostras do Distrito Federal (As). Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 23, n. 27, p. 42, 06 jul. 1929.

RYAN, Marie-Laure. Narrative as Virtual Reality 2: Revisiting Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

VILAS BOAS, Naylor. A Esplanada do Castelo: Fragmentos de Uma História Urbana. Tese de doutorado. PROURB: Rio de Janeiro. 2007.

NOTAS

ⁱ Expressão que nomeia o conjunto de obras públicas que redefiniram a estrutura urbana da capital federal promovidas pelo então prefeito da cidade Pereira Passos.

ⁱⁱ KESSEL, Carlos. *A Vitrine e o Espelho: O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: AGCRJ, 2001.

ⁱⁱⁱ Além do arrasamento do Morro do Castelo, Carlos Sampaio participou de inúmeras intervenções na cidade carioca, como: o arrasamento do morro do Senado em 1903, saneamento e aterro do entorno da lagoa Rodrigo de Freitas, a construção da Av. Maracanã, entre outros. Para mais ver o livro “KESSEL, Carlos. *A Vitrine e o Espelho: O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: AGCRJ, 2001.

^{vii} BARBUY, Heloisa. *O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal*. Casa 12: Rio de Janeiro, 2013. Pp 19.

^{viii} BARBUY, Heloisa. *O mundo em exibição: As exposições universais começaram em Londres, em 1851, e sempre buscaram refletir sobre o futuro*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/maissfs1106200009.htm>>. Consulta Realizada em 04.11.2022.

^{ix} BARBUY, Heloisa. *O mundo em exibição: As exposições universais começaram em Londres, em 1851, e sempre buscaram refletir sobre o futuro*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/maissfs1106200009.htm>>. Consulta Realizada em 04.11.2022.

^{iv} LEVY, Ruth. *Rio de Janeiro: 1922/2012 90 Anos da Exposição do Centenário*. Casa 12: Rio de Janeiro, 2013. Pp 11.

^x L'Exposition Universelle de Paris 1889 | Un Jour de plus à Paris. Disponível em <<http://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>>. Consulta Realizada em 20.06.2019.

^v O Brasil passou por um golpe de Estado que resultou na deposição do presidente Washington Luís e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Esse evento marcou o fim da República Velha e o início da Era Vargas.

^{xi} PEREIRA, Margareth. *A Exposição de 1908 ou o Brasil Visto Por Dentro*. ArqTexto 16, PROPARG-UFRRGS, 2010.

^{xii} Ibidem.

^{vi} Agache, A. *Plano Agache para o Rio de Janeiro: diagnóstico e plano de melhoramentos*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1930.

^{xiii} Ibidem.

^{xiv} Livro de Ouro Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil e

- da exposição internacional do Rio de Janeiro (1822 a 1922-23). Rio de Janeiro: Anuario do Brasil (Almanak Laemmert), setembro de 1923.
- ^{xv} INAUGURAÇÃO da Exposição Feira Amostras Permanentes... Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 21, n. 42, 13 out. 1927, p. 54.
- ^{xvi} O Decreto nº 3.267 de 5 de janeiro de 1928 criou a Feira de Amostras.
- ^{xvii} INAUGURAÇÃO da Exposição Feira Amostras Permanentes... Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 21, n. 42, 13 out. 1927, p. 54.
- ^{xviii} A Exposição de 1922. N. 1, julho 1922. P. 1.
- ^{xix} FEIRA de Amostras (A). Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 22, n. 29, p. 3, 21 jul. 1928.
- ^{xx} AGACHE, Alfred. Cidade do Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento. Paris; Rio de Janeiro: Foyer Brésilien; Prefeitura do Districto Federal, [1930].
- ^{xxi} AGACHE, Alfred. Cidade do Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento. Paris; Rio de Janeiro: Foyer Brésilien; Prefeitura do Districto Federal, [1930].
- ^{xxii} AGACHE, Alfred. Cidade do Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento. Paris; Rio de Janeiro: Foyer Brésilien; Prefeitura do Districto Federal, [1930].
- ^{xxiii} VIII FEIRA Internacional de Amostras (A). Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 30, n. 36, p. 49, 05 set. 1936.
- ^{xxiv} Acervo Jornal do Barsil: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=países%20participantes%20da%20feira%20de%20amostras%20internacional%20do%20Rio%20de%20Janeiro&hf=www.google.com&pagfis=69855.
- ^{xxv} EXITO da Feira de Amostras (O). A Noite Ilustrada, Rio de Janeiro, n. 117, p. 12, 29 jun. 1932.
- ^{xxvi} Propaganda da Philips na VII Feira internacional de Amostras – Revista Fon-Fon, ano 28, n. 36 de setembro de 1934.
- ^{xxvii} Revista semanal com conteúdo cultural.
- ^{xxviii} FEIRA Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. Para Todos, Rio de Janeiro. n. 661, p. 19, 15 ago. 1931.
- ^{xxix} Propaganda de exposição canina na Feira internacional de Amostras de 1932 – Revista Fon-Fon, ano 32, n. 27 de setembro de 1932.
- ^{xxx} Propaganda de exposição canina na Feira internacional de Amostras de 1932 – Revista Fon-Fon, ano 32, n. 26 de setembro de 1932.
- ^{xxxi} FEIRA de Amostras (A). Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 34, n. 52, p. 18, 28 dez. 1940.